ANO I N.º 21
Numero avulso 5$co

LOURENÇO MARQUES
15 de Fevereiro de 1934

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipografica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

Foto. Portuguesa

Menina Maria da Graça Fontes, eleita Princesa do Carnaval de 1934, no Teatro Gil Vicente

A "machamba das rosas"

A «machamba das rosas» é um recorte do Paraíso, implantado em pleno sertão africano. Se Jafar Sulemane, o criador da «machamba», não é um poeta — então não sei o que seja um poeta, hoje em dia!... Porque no poema bárbaro da amargurada paisagem africana, a «machamba das rosas» é uma estrofe gentil e delicadíssima, um improviso feliz de rasgada inspiração lírica!

Já vos oiço, ó grosseirões materialistas, com os vossos ditos: «Qual poesia! Negócio é que é!...».

Perdão! Perdão!... A idéa do negócio das rosas não é de Jafar Sulemane. Jafar, quando, em 1924, dispôs os seus primeiros cem pés de roseiras, fazia-o para deleite de seu espírito, recreio e ocupação dos ócios duma delicada convalescença. Só oito anos mais tarde é que Jafar começou a vender rosas. E ainda bem que as vende!... Que seria das vossas lindas jarras, minhas senhoras, sem as rosas de Jafar Sulemane?

Jafar, o homem, é o florista de Lourenço Marques. Jafar, a terra, o sítio (que dêle recebeu o nome) é o canteiro rico e pródigo da cidade.

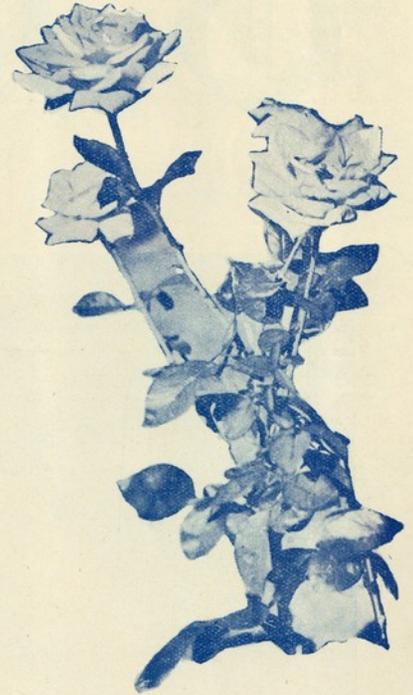
De resto, não é isso que interessa. Experimentem. Metam-se ao caminho... Olhem êsse mato, tristonho, monótono, paisagem sem vivacidade, acabrunhada... Reparem na terra sedenta e mesquinha, estéril, sem seiva e sem alma... Atravessem a vasta lângua maninha, um trato de charneca... Estão no apeadeiro «Jafar» da linha de Marracuene — estão em casa de Jafar Sulemane. Peçam-lhe que vos mostre as rosas... Agora, fechem os olhos e deixem-se levar até eu dizer... Atenção: uma, duas, três. Abram!...

E então? Hein?... Maravilha, ora não é? Como num conto de fadas, ou obra e graça de milagre, tudo se transformou!

A terra, humosa, sentimo-la palpitar, latescer sob os nossos pés... Há no ambiente alguma coisa de suave e delicado... Orladas por sebes de bananeiras dum verde-escuro, sombreado e retinto, oito mil roseiras florescem apoteòticamente, numa policromia viva — vermelhas, brancas, róseas, amarelas, em cambiantes suaves, diluidos, ou numa plétora de côr!...

Em sulcos que cortam os talhões, a água deslisa, Sóror Água bemdita e louvada... Ouvem-se chilreios de passaritos. Uma ou outra «viúva», de longa cauda, esvoaça em corcovos, como brincando, qual acrobata de circo, em trapésios invisíveis... E em tufos, docemente, no alvorôço do botão que vai abrir ou na plena maturação da corola entontecida de sol e azul, baloiçam-se as rosas — aos pares, às centenas, aos milhares!...

Pois não havia de ser assim o Paraíso, que, por mal de seus e de nossos pecados, Adão e Eva tam inglòriamente perderam?...

Esperem por Maio ou Junho, os meses propícios, vão até lá, e, depois, venham dizer-me se sou eu que estou a fazer poesia!...

Mas há mais. Jafar vai tornar-se, qualquer dia, o bemaventurado passeio dos Lourençomarquinos. Sulemane está concluindo, junto à via férrea, uma casa-de-chá. Uma estrada ligando à de Marracuene, vai ser, em breve, aberta — e, mais tarde, possivelmente, uma outra virá quási directamente à cidade... O pavilhão poderá receber hóspedes. Os oito mil pés de roseira vão multiplicar-se, para o dôbro, para mais ainda... A «machamba» tornar-se-á um parque, com recantos ensombrados, de idílico remanso e frescura, e dois lagos em cujas águas dormentes boiam folhas largas de nenufares...

E Jafar tornar-se-á, assim, a estância dos «holydays», o passeio dos namorados e dos noivos, de todos aqueles em cuja alma há um anseio de beleza e de ascese — e de muitos outros, como eu, que ainda se embevem, extàticamente, na contemplação duma rosa — flor cheia de graça, bemdita entre as flores...

MONTES CLARO

(Fotos de Arnaldo Silva)

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Crónica da Quinzena

Carnaval!... Carnaval!...

Sempre nos impressionou, nos entristeceu, nos compungiu um astro que se apaga, um deus que tomba, um heroi que morre, uma quimera que se desfaz...

E o Carnaval, apesar de não ter sido nunca da nossa simpatia, também nos confrange nesta sua agonia grotesca e prolongada, a morrer aos poucos, de ano para ano cada vez mais pobre, mais insípido, mais articial e mais inexpressivo...

*
* *

Carnaval!... Carnaval!...

Mais um ano passou...

Quarta-feira de Cinzas...

Pierrot chora... Pelo seu carão besuntado de branco, salpicado de papelinhos multicores, as lágrimas correm, pegajosas e grotescas... A boca, pintada de vermelho, a salientar-se no alvaiade da cara, é uma chaga viva... E a alma de Pierrot — depois daqueles dias aturdidos de folia — a avaliar pela carantonha sofredora e ridícula, deve ser uma noite tempestuosa e desgrenhada... E ri... e chora... Riso que faz chorar... Chôro que faz rir...

Encontramo-lo só num dos bancos da ponte da praia, em frente às águas da baía... Que iria fazer?!... Suïcidar-se?...

Abeiramo-nos dêle...

E Pierrot, desfeito em pranto, a voz entrecortada de soluços, confidencia:

— Fiz tudo por Ela. Tudo! O senhor não calcula. Ninguém o imagina. Ninguém o pode supor. Amor assim, dedicação tamanha, já hoje é raro aparecer sôbre a face da Terra. Eu senti-me, por vezes, o cavaleiro andante, daqueles que, em outras épocas, terçavam armas por sua dama...

«Fiz tudo por Ela. Tudo. Por amor dela — que era requestada e apetecida por outros — concitei, contra mim, as más vontades dos homens, dos meus rivais.

«Armaram-me ciladas... Saíram-me ao caminho, de emboscada, à traição... Quiseram raptar-ma, arrancá-la dos meus braços, dos meus carinhos, dos meus cuidados, da minha protecção... E a duras provas me sujeitou esta minha paixão por Ela... Mas o meu Amor, êste Amor de fogo, esta Paixão ardente — que ninguém supõe, que ninguém calcula — deu-me fôrças para tudo... E lutei com «êles», à espada, a braço, corpo a corpo, a murro, à dentada... de tôda a forma...

Aqui, Pierrot fez uma pausa prolongada e triste. Sentia-se, mais distinto, o marulhar das águas... Lá em cima, no céu, as estrêlas pareciam querer escutar. Pierrot fez um esgar horrível. E riu e chorou... E chorou e riu... Parecia louco... Estaria ébrio?... Seriam restos, ainda, da orgia da véspera?... A sua boca, aquela chaga viva, vermelha de sangue, no carão besuntado de branco, teve umas contracções dolorosas e grotescas como para articular palavras... Recordava... Recordava... Depois, continuou a confidenciar:

— Para salvar a minha Colombina, para a ter bem minha, para ser só minha, a nada me poupei, fiz todos os sacrifícios, todos. Fechei-a num castelo de muralhas altas, cercado de profundos fossos, com pontes levadiças... Fechei os portões. Reforcei as dobradiças. Mudei as fechaduras. Apertei a vigilância. Vivi isolado, num mundo à-parte. Colombina, a minha amada, rodeada de confôrto e de arte, era minha, minha, só minha, para sempre, para todo o sempre... Assim o julgava, assim o julgava... Mas enganei-me!

Aqui, fez outra pausa, chorou e riu outra vez, e continuou:

— Ninguém se pode fiar numa mulher, por maiores sacrifícios que por ela faça, por maior amor que lhe dedique...

«Iludindo a vigilância de uns, conseguindo a traição de outros, Colombina, a doida, que é doida por folia, por uma vida livre e desregrada, por uma vida de acaso, fugiu... Procurei-a em todos os bailes, sob todos os disfarces... Não a encontrei!... Só aqui, neste banco, em sonho, em visão, ou em realidade — não sei — consegui vê-la... Num baile... Num baile infernal... Vestida de vermelho... Dansando... cantando... bisnagando... rindo... Nos braços de um... nos braços de outro... Estoiravam as garrafas de «Champagne»... E bailavam... e cantavam... E levaram-na em triunfo... E dansou, nua, esplêndida de beleza, perante as vistas de todos!... Ninguém lhe tocou, é certo, como se todos estivessem fascinados pela formosura estatuária do seu divino corpo... Mas parecia-me um sacrilégio... Ver ali, assim, desnudado e impudico, aquele corpo que era só meu, que eu tivera resguardado das vistas do mundo, entre as ameias do castelo que mandara construir para Ela...

«E, agora, quando o senhor chegou, estava eu possuido de raiva perante o descaro dessa... ingrata, que assim esqueceu todos os sacrifícios que por ela fiz, a chama viva desta paixão que lhe votei e na qual ainda arde o meu pobre coração...

E o carão de Pierrot, besuntado de branco, listrado pelos sulcos daquelas lágrimas pegajosas e grotecas, teve uma contracção mais horrível...

*
* *

Carnaval!... Carnaval!...

Sempre nos impressionou, nos entristeceu, nos compungiu um astro que se apaga, um deus que tomba, um heroi que morre, uma quimera que se desfaz...

E o Carnaval, a-pesar-de não ter sido nunca da nossa simpatia, também nos confraige por esta sua agonia prolongada e grotesca, a morrer aos poucos, de ano para ano cada vez mais pobre, mais artificial, mais inexpressivo...

Como êste Pierrot da Polana triste e só, queimado pela acidez corrosiva do ciúme, roído pelo sal amargo da sua dura desdita — o Carnaval, levado ela dolorosa tragi-comédia do seu declínio, agüenta-se apenas pela loucura dos homens que teimam em foliar em data certa, pela obediência cega às determinações do calendário...

Serpetinas... «confetti»... bisnagas... tudo isso aparece ainda, mas sem entusiasmo, sem alegria, sem vida — restos de um passado tumultuoso e gritante... Os bailes arrastam-se, tristes, quási funéreos... A graça, o «chiste», a «piada» desapareceram, debandaram para ignoradas regiões... As máscaras cederam o seu lugar às máscaras de todos os dias.. Apenas umas libações a mais que de costume e uma dose menor de hipocrisia em algumas...

Carnaval!... Carnaval!...

*
* *

E Colombina?... Terá, realmente, fugido ao seu Pierrot?... Terá abandonado o seu doirado cativeiro para se lançar numa vida de aventuras?... Ou tudo o que nos contou Pierrot não passou de uma alucinação?

Para nós, Pierrot e Colombina são apenas duas moléculas dêste grande todo que é a Humanidade. A tragédia ou a farsa dêles é a farsa ou a tragédia de nós todos nêste grande e complicado Carnaval da Vida... Todos caminhando atrás de uma Ilusão, iluminados por uma Crença, convictos de que estamos na posse de uma Verdade ou em vias de a possuirmos... Como Pierrot... rodeams essa Verdade, essa Crença, essa Ilusão, dos altos muros dos nossos castelos... Mas um dia a Crença sofre rudes golpes, a Ilusão desfaz-se na espuma de uma taça de «Champagne» e a Verdade foge dos nossos braços, para se deixar apenas entrever, em sonhos, esplendorosamente nua, cada vez mais bela e mais inacessível...

Nos braços de um... nos braços de outro... sem se entregar a nenhum...

Por isso, ao deixarmos êsse Carnaval de três dias e ao reentrarmos no grande Carnaval humano de sempre, nos sentimos como aquele triste Pierrot que encontrámos, em frente às águas da baía, na madrugada de quarta-feira de Cinzas...

Ao escrevermos esta Crónica, vemos, ao espelho, o nosso carão besuntado de branco, listrado pelos sulcos de umas lágrimas pegajosas e grotescas... E rimos... e choramos...

E, nesta hora trágica e confusa, a Humanidade — Pierrot imenso cuja sombra triste se projecta sôbre o Futuro — estende os braços ansiados para essa Colombina estranha, infernal e divina, que baila na nossa frente, estatuária e branca, entre as labaredas sangrentas das paixões dos homens.

SOBRAL DE CAMPOS

Central...?

De cá, o 586, pediu ligação, e, de lá, uma voz leve e atenciosa disse:

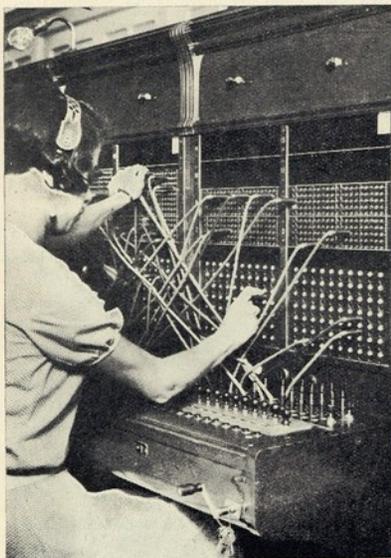
— Central...?

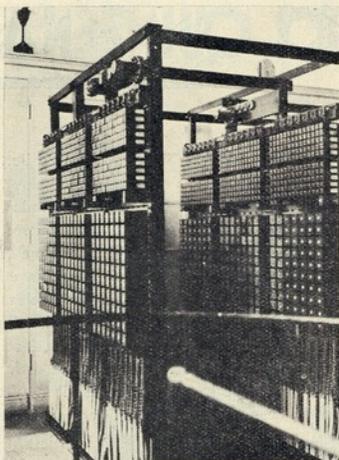
— Não quere o 586 uma ligação pelos fios com a rêde telefónica de Lourenço Marques. O que o 586 pretende é uma ligação «pessoal» com a Estação — explicámos nós.

E a mesma voz, leve e atenciosa, da telefonista, transmitindo o pedido do 586 aos seus chefes, respondeu, depois:

— Está ligado.

* * *

A Central telefónica de Lourenço Marques, instalada no edifício da Direcção Geral dos Serviços de Correios e Telégrafos, da Colónia, merece digna referência à montagem dos seus serviços. A instalação, na parte técnica, é perfeita e completa, o quadro de ligações, os registos das chamadas nos contadores, o cuidado que merece a constante verificação do bom estado dos aparelhos, dos alarmes, das ligações, dos fios, tudo isso marca competência de quem dirige e de quem é dirigido. O pessoal de telefonistas, o diurno constituido por grupos de senhoras, o da noite por homens, dirigido, hàbilmente, pelo sr. Luiz Silva, chefe da secção, é bom todo êle, pois o trabalho é de forma tal contínuo, preciso, exaustivo, diremos até, que é necessário que êsse pessoal seja competente, muito competente, pois quem visita a Estação Central observa bem êsse trabalho, como verifica a competência do seu pessoal.

Todos nós, muita vez, temos queixumes, fazemos lamentos porque demorou uma ligação, porque trocaram o número duma chamada. Visitando a Central, assistindo às ininterruptas chamadas, olhando as mãos das telefonistas em permanente movimento, pondo e tirando as «cavilhas», saimos com a convicção de que Elas e Êles, não podem atender melhor do que atendem, pois atendem com a maior atenção, com o maior cuidado, com o maior interêsse em cumprir o seu dever de empregados e em cumprir o desejo de bem servir os que, pelo telefone, tratam dos seus negócios, pretendem informações necessárias para a sua vida, comercial e política, querem conhecer o estado de saúde dos seus doentes, a felicidade e as máguas dos seus amigos e o estado do... coração dos seus «amores».

Sem dúvida que todo aquele que conheça «de visu» o serviço de telefones daquela

Central, da Avenida da República, sairá de lá fazendo o «mea culpa», penitenciando-se de, às vezes, se arreliar com as telefonistas.

E essas pequeninas falhas, que são a causa dos nossos lamentos injustos, são devidas à necessidade de aumentar o pessoal das telefonistas — dos turnos diurnos.

O quadro das senhoras é pequeno para o

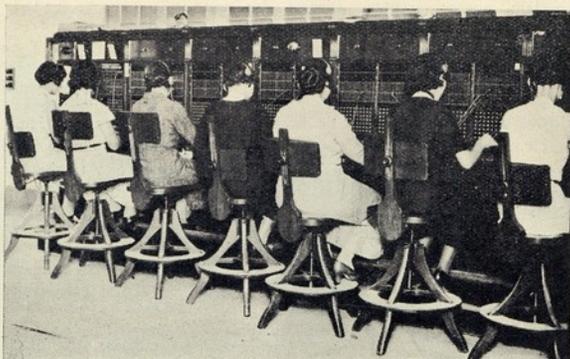
grande serviço que está tendo a Central telefónica de Lourenço Marques.

A rêde telefónica de Lourenço Marques foi aberta ao serviço em Janeiro de 1914, sendo o seu primeiro telefone o que se estabeleceu no Govêrno Geral, que tem o número 1. Actualmente, existem 880 subscritores, sendo a extensão da rêde para todo o distrito de Lourenço Marques e para Inhambane. De Lourenço Marques fala-se para a Europa, por via Londres, e para a Rodésia. Em 1 de Dezembro de 1931 foi inaugurada a linha internacional de Johanesburgo.

A média de chamadas diárias é de perto de duas mil. No mês de Janeiro de 1934, isto é, vinte anos depois da inauguração dos serviços telefónicos, o número de chamadas, para Lourenço Marques, linhas urbanas e linha internacional, foi de 87.512.

Êstes algarismos mostram o que é o serviço da Central de Lourenço Marques e atestam o trabalho do seu pessoal, que é composto por dezoito senhoras e quatro homens. Das senhoras, quinze estão no serviço da cidade e três no quadro das ligações urbanas e internacionais. Estas dezoito senhoras trabalham em três turnos diários, sendo cinco nas ligações da cidade e uma no quadro das chamadas urbanas e do estrangeiro.

fernando baldaque

(clichés de arnaldo silva

Presunção e água benta...

Matá-los enquanto é tômpo, porque a «época» aproxima-se.

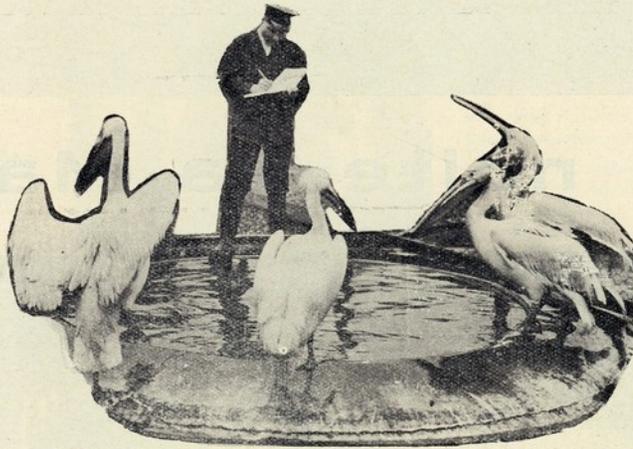
cinema

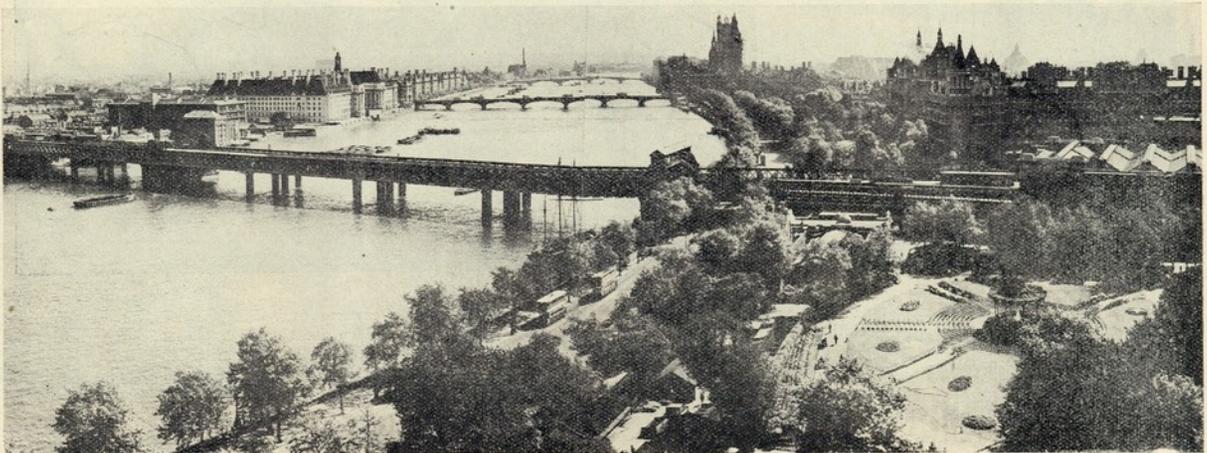
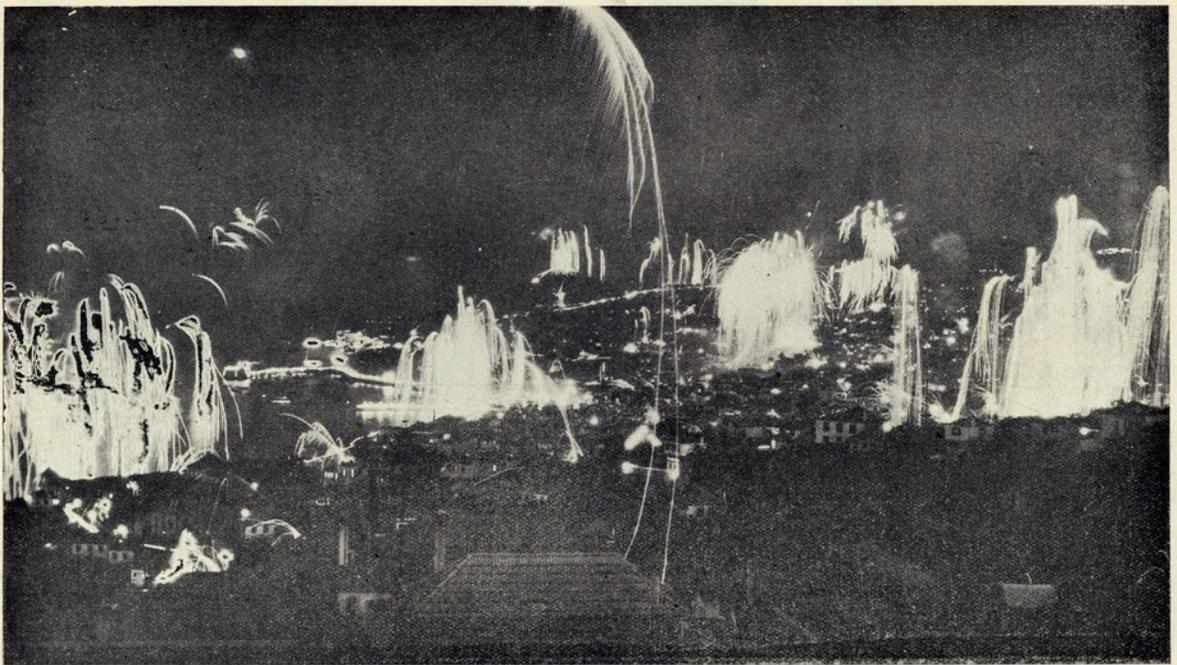
Ramon Novarro

como astro sedutor que é, sente-se extremamente alegre entre as estrelas mais fulgurantes da «Metro» com quem tem trabalhado nos seus filmes mais apreciados pelo mundo cinéfilo

LONDRES

No alto: «Picadilly Circus», um dos locais londrinos mais congestionados pelo trânsito. Só a secção de polícia de trânsito de Picadilly custa o melhor de 10.000 libras anuais. Foi, agora, adoptada a solução da direcção de circulação única.

Ao centro: Os pelicanos do Zoo, respondendo à chamada, a quando do recenseamento anual...

Aos lados: as duas gentis bonequinhas são duas vencedoras do festival «Peter Pan», realizado no Claridge's Hotel, com fins de beneficência.

Em baixo: um formoso e pitoresco trecho da cidade, as famosas pontes londrinas do Tamisa. A do primeiro plano é Hungerford; depois, Westminster e Lambeth. À direita, vê-se Embankment Gardens, um local popular preferido pelos operários, à hora do «lunch»; por trás, as Casas do Parlamento. À esquerda, Victoria Embankments e «County Hall».

Uma noite na Madeira...

A grande noite florida do Funchal, na passagem do ano. «Epifania do fogo» — cintilações, revérberos, riscos, flocos, explosões de côr, numa inflorescência de luz magnífica e deslumbrante... Prodígio de lume abrindo em corolas policrómicas... Embriaguês da Treva, entontecida e desvairada de clarões, recamada de jóias chispantes, como um escrínio... Minuto supremo do Tempo. Foguetes de lágrimas, lágrimas do Velho Ano que se vai, caindo em cachos... Sorrisos e alvoroços do Ano Novo que chega, casquinando gargalhadas no estrepitar dos morteiros...

Noite florida do Funchal — noite florida do Tempo!

(«Clichés» Perestrêlos — Funchal)

EVORA

Evora — a capital do Alentejo!

Quizera ter a pena de Fialho de Almeida, êsse alentejano de Vila de Frades, à rés da Vidigueira, para escrever do Alentejo, essa pena de relêvo e de expressão que escreveu os «Ceifeiros», que escreveu dos montados, das charnecas, dos cantares mouriscos da sua gente, dessa gente da Vidigueira, de Serpa, das Alcáçovas...

O Alentejo, a maior província de Portugal, é cheio de característico. Torrão escaldadiço, cheio de olivais, de azinheiras, de trigo, de cortiças, de feiras, de gado e de sol.

Cinco cidades possui o Alentejo, e, cada uma delas, a sua característica bem definida. Évora — a herdade; Beja — o celeiro; Portalegre — o jardim; Elvas — a sentinela em armas; Estremoz — a indústria, com o seu barro e com os seus mármores.

Dentre essas, Évora — a capital — é bem vincada a cidade mais alentejana. Évora serviu de morada a muitos reis mouros, como, depois da sua conquista, foi residência de reis de Portugal.

Cidade muito antiga, conserva ainda muitos edifícios e notáveis antiguidades.

A Sé é uma das mais imponentes catedrais portuguesas, com a sua capela-mor, que é um primor de arquitectura em mármore, tendo, também, um côro com magnífica obra de talha, e a galeria, com o retrato de todos os arcebispos.

Perto da Sé, existem as ruinas do Templo de Diana, obra romana, que se calcula ter perto de 1700 anos.

A igreja de S. Francisco, que tem, anexa, a antiqüíssima Casa dos Ossos, capela cujas paredes são formadas por crânios, tíbias e fémures, que, segundo a tradição, dizem ter pertencido a freiras e frades dos seus vinte e oito conventos.

O aqueduto de D. João III, conhecido pelo Aqueduto de Sertório.

O antigo palácio da Inquisição; a antiga Universidade, hoje Casa Pia; o Liceu Central; o Seminário — são edifícios todos êles grandiosos, todos êles atestando a grandeza da Évora mourisca e da Évora portuguesa.

A par dêstes edifícios, há as construções mais modernas, mas tôdas elas enquadrando bem na capital alentejana, como o Teatro Garcia de Resende e o Quartel de Cavalaria 5.

Tem Évora um bom e rasgado jardim, o seu largo Rossio da Feira, e é cercada de campos verdejantes, de arvoredos sombrosos e de terrenos vicejantes.

As ruas, quási tôdas elas, se não tôdas, têm as características das construções mouriscas — arcos, esquinas, nichos, chafarizes — falam de épocas, falam do passado.

Dois esplendidos tipos alentejanos, aquecendo-se ao sol na Praça do Geraldo.

O eixo da cidade é a Praça do Geraldo — dêsse Geraldo Sem Pavor, que foi um atacante contra a moirama.

A vida comercial de Évora está na Praça do Geraldo, e falar na Praça do Geraldo é falar de herdades, de criadores de gados, de cortiças e de montados.

Pelas manhãs mornas do mês de S. João, ou pelo frio das geadas do mês dos Santos, debaixo das arcadas, abancados pelas portas da «Brasserie» e do «Geraldo», saboreando um café, um pão torrado e apaladando-se com um cálice de aniz, o lavrador alentejano negoceia e planeia.

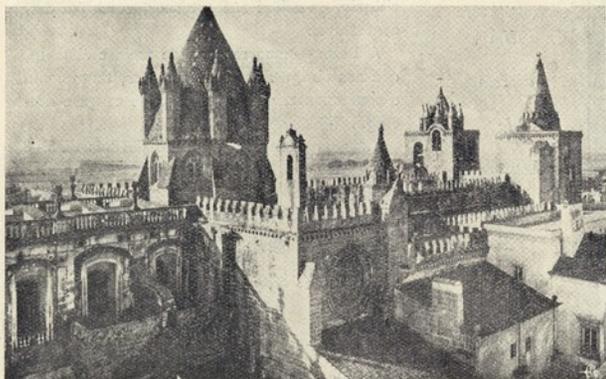
O lavrador ricaço, que se senta à sombra da arcaria da Praça do Geraldo, veste jaqueta de astrakan, calça justinha, coberta, muita vez, com o seu par de safões, chapeu de larga aba, e usa, a passar-lhe entre as casas do colete, uma grossa corrente de ouro, de elos bem grossos, donde pende uma medalha com uma unha de leão encastoada, ou um dobrão de D. João V.

Fala de bolotas, fala dos seus suinos, das suas parelhas de muares e dos moios do seu trigo. Fecha negócios, adianta contos de reis, ganha muitos contos de reis, e, depois de almoçar uma assorda de poejos com ovos escalfados, trepa para o seu carro de toldo, pintado de azul, puxado por uma gorda parelha de mulas douradas, e vai de largada até ao seu «Monte», onde o espera a alentejana consorte, que passou a manhã a fazer os enchidos e a pô-los ao fumeiro, emquanto uma dúzia de filhos, gorda, còrada e sàdia, brinca com a pintaïnhada.

Se fica na cidade, o nosso lavrador vai pela noite até ao «Bota-rasas» e joga umas notas na mesa do «burro americano» ou deixa uns centos de escudos no pano verde do «monte»!

A «Liberalitas Julia» ou «Ebora», nomes que teve no domínio dos romanos, foi um centro de certa importância nessa época em que os romanos dominaram a Península, como «Yeborath» foi, durante o domínio dos árabes, considerada terra fértil, cidade grande e povoada, como a Évora de hoje é uma das maiores cidades de Portugal.

Quem nos dera a nós, voltar de novo a essa Évora, abancar na «Brasserie» com os lavradores e assistir a uma ceifa, debaixo do sol ardente que cresta as caras mouriscas das raparigas do Alentejo.

F. B.

Catedral— Capela mór (exterior), zemborios, rosácea do transepto, coruchéus, torres, ameias e terraços de tejolo.

Porta nova — Arcos do Aqueduto de Sertório (D. João III)

A viagem de Lourenço Marques a

Ano de mil quinhentos e tal...

A nau de André de Sequeira apresta-se a partir da baía do rio Santo Espírito ou Lourenço Marques. Viera do mando do capitão de Sofala e Moçambique a buscar marfim para El-Rei, mas desta feita os cafres amotinados tinham, em grande parte, frustrado o resgate.

Não fôra, porém, inútil a viagem. O rei da Inhaca, sabedor da chegada da nau, acorrera a entregar vários portugueses e escravos, que tinham procurado a sua protecção, e eram náufragos do galeão «Santa Luzia», sossobrado na costa três meses antes.

Pela tarde, o vento refrescou e Sequeira decidiu fazer-se ao mar, com destino a Moçambique.

Três primeiros dias: vento moderado, certeiro e de feição — navegação tranqüila. O mar acaricia, em monótono gorgolejar, o costado do navio. Os tripulantes desocupados e os passageiros debruçam-se nas varandas, perdem o olhar na vastidão das águas, e irresistivelmente evocam as horas aflitivas dos que por ali perderam a vida em crueis naufrágios, ou, escapos dêles, sucumbiram no litoral à fome, moidos de trabalhos ou em luta com os cafres.

— O Sepúlveda!

— E Fernão Alvares! E Nicolau Pereira! E D. Álvaro Noronha!

— Tantos, tantos mais!

...O coração fazia-se pequenino, a garganta secava, passavam calafrios na espinha. Sem dúvida, André de Sequeira era homem experimentado nas voltas do mar, e o piloto havido por um dos melhores da carreira. Mas de que valera aos outros o saber, a decisão, o denodo?! A fúria do mar subvertia tudo!

E, a-pesar-do tempo bonançoso, um pesado ambiente de receios, pavores e dolorosas recordações oprimia os navegantes.

A pouco e pouco, o vento começa de mudar. Bafagens ora do levante, ora do poente, atiram, com estrépito, as velas contra a mastreação.

Àquelas trezentas vidas, aglomeradas no bojo da pequena embarcação, enche-se-lhes o coração de maus presságios a cada pancada do velame,e há os que ciciam preces, formulam promessas, ou abordam o capitão e confessam-se.

O tempo tolda-se, o vento sopra, por fim, rijo e ponteiro — e a nau é, agora, um brinquedo que o mar encapelado atira de crista em crista das ondas.

Chega a noite e a tormenta cresce, torna-se aterradora. O vento e a chuva silvam nas enxárcias; a trovoada, medonha, próxima, abala o peito dos mais valorosos, e os relâmpagos iluminam montanhas de água que de todos os lados parecem avançar sôbre a nau, para a tragar.

Os balanços são de borda a borda, as vagas varrem a coberta e arrojam ao mar tripulantes e carga, maltratam outros contra caixões e apetrechos; há velas que se rasgam em tiras e todo o cavername do navio range sinistramente. Estabelece-se a confusão, o pânico, ouvem-se choros convulsivos, orações ditas em voz alta, juras, e êste ou aquele que lembra os filhos ou a mulher distantes.

Nos breves intervalos da tormenta, levanta-se de tôda a nau um clamor imenso, unissono, desesperado, aflitivo:

— Senhor Deus! Misericórdia!

— Misericórdia! Misericórdia!

Mas a súplica não tem eco, morre abafada na fúria da tempestade, perde-se na amplidão do mar.

Três dias e três noites de tormenta assim...

Ao fim, com 15 palmos de água abaixo da coberta, navegam para terra e surgem na costa, junto do rio dos Reis — perto de Inhambane.

Transaccionam com os cafres água e mantimentos, na maior parte perdidos no temporal; e procedem a demorada reparação da nau, cujas obras mortas da prôa, abaixo do beque, e os delgados da pôpa, vinham rendidos das grandes pancadas na água. Cêrca de um mês de estadia.

Depois, até Quelimane, mais 15 dias de viagem, em que se fizeram ao mar para evitar o parcel de Sofala, e sofreram novas tempestades, com riscos de naufrágio.

Finalmente, passam as Ilhas Primeiras, e, já na altura dos Currais, com bom tempo, o coração quási desoprimido, a nau encalha numa corôa de areia, de que só se safam com grandes trabalhos.

Ei-los em Moçambique! Dois meses de viagem, e menos vinte e tantos portugueses e trinta e tal escravos, uns perdidos nas tempestades, outros mortos de doença ou de desastre!

Desembarcam e dirigem-se logo à Igreja do Espírito Santo, a orar, e dali saem, em procissão solene, com o vigário e sacerdotes e tôda a gente da fortaleza, até à capela de Nossa Senhora do Baluarte.

No dia seguinte — missa cantada em acção de graças à misericórdia divina, que os poupara.

Era assim uma viagem de Lourenço Marques a Moçambique, há cêrca de quatrocentos anos — quando não era pior...

* * *

Mil novecentos e trinta e tal...

O vapor afasta-se do cais Gorjão. Lenços que se agitam, numa despedida sem emoção de parte a parte — e começa a charra vida de bordo.

— Seis a sete dias até Moçambique. Dois dias, pelo menos, a carregar na Beira — informa o imediato.

Tremendo! Forte maçada! Tempo perdido, na vida activa do homem moderno. E engolfamo-nos no livro que trouxemos para matar o tempo...

Uma semana enervante de vida de colegial: o banho às tantas, as refeições a toque de sineta, o «footing» no «deck» à conversa, as palestras no «fumoir», o jôgo — e sempre o mar, e sempre a bombordo o filme insípido daquela nesga de terra imprecisa, a acompanhar-nos, a perseguir-nos, a tornar-se «hantise».

Vem a tempestade, e, à-parte o balanço e o enjôo, a sornice da vida de bordo agrava-se.

Os pasasgeiros fecham-se nas «cabines», há silêncio, os salões são soturnos, o «deck» desconfortável.

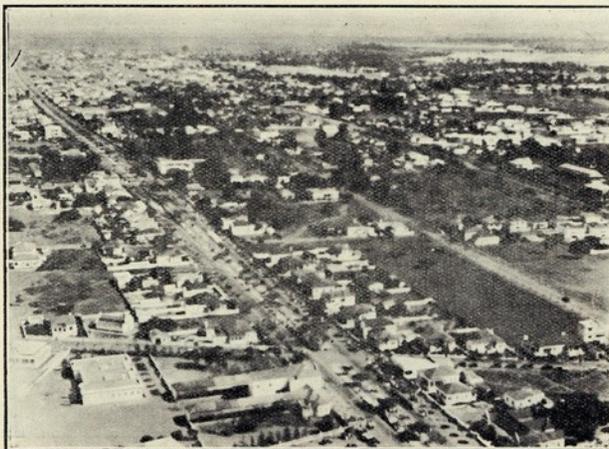
A Beira — uma maçada de areia e cimento, que nos obriga a interessarmo-nos, tanto como o comandante, pelos trabalhos de carga e descarga.

Mais uma longada de perto de dois dias — e chegamos a Moçambique.

Desembarca-se, e já se não usa ir em prece a Nossa Senhora do Baluarte; abanca-se noutras capelinhas mais à mão, com os amigos, à cerveja...

* * *

1934.

No aerodromo, à carreira de tiro, o avião «Wacco» ronca, corre no campo, descola, faz a volta da praxe sôbre a cidade, e endireita o nariz ao seu destino. Em baixo, Lou-

Um aspecto de Lourenço Marques visto de avião

Moçambique

Outrora ontem e hoje

Por Antonio Sousa Neves e Arnaldo Silva

renço Marques é uma «maquette» maravilhosa, perfeita, encantadora.

...Mas já estamos correndo junto à costa. Passam ràpidamente as Xefinas, à direita, à esquerda o Incomati, e sob nós desenrola-se a fita branca da praia, estrangulada entre o verde transparente do mar e o verde sombrio do mato.

Por aí fora, de um lado e doutro, emquanto a nossa vista alcança, é um deslumbramento, de côres, de «nuances», de aspectos!

As lagôas. Os barcos dos pescadores são minúsculos madeiros a boiar, os cascos linhas tracejadas na água tranqüila.

Já se avista o Limpopo, como uma serpente, coleando na planície até ao mar.

Vila de João Belo, risonha, extensa — e aterramos.

43 minutos desde Lourenço Marques.

Nem um balanço, nem qualquer sensação desagradável; como que um sonho em que os nossos olhos se arregalaram para reter tôda a «feérie» da paìsagem, disfrutada assim do alto, tam completamente.

Depois de uma troca de cumprimentos rápida e sinceros desejos de boa viagem, que são ouvidos quási indistintamente entre o roncar forte do motor, que trabalha a tôda a fôrça, a preparar-se para a largada, faz-se a prevenção de que se está na hora da partida.

Momentos antes da elevação do «Waco» para o espaço, chega um automóvel ao campo com duas cartas para Quelimane, a substituir dois telegramas.

Pronto. Um corte rápido, em diagonal, sôbre o campo de aterragem, nas margens do Limpopo, dá a saída do cómodo «Waco», que, pouco depois, se transforma num ponto negro sulcando o espaço, a caminho de Quelimane.

A paìsagem modifica-se um pouco, os palmares sucedem-se simètricamente desenhados, entrecortados, aqui e acolá, por serpenteantes rios que vimos ir morrer na fita branca da praia que seguimos.

Agora, aparece-nos à vista, à direita, a enorme Lagôa Coolela, à esquerda contornamos, em admiração, o rio Inhassune.

Na «cabine», completamente fechada, o ar das altitudes vem-nos através dos ventiladores.

Inhambane aparece-nos à vista uma hora e alguns minutos depois da largada de Vila João Belo.

Inhambane é surpreendente, vista do ar. As suas casinhas muito brancas alegram-nos a retina.

Duas voltas sôbre a vila, o «Waco» chega à tabela, aprôa ao campo, emquanto os automóveis, cá em baixo, coleando as ruas e a estrada, se dirigem, a tôda a velocidade, para o aerodromo.

No campo está tudo a postos para o fornecimento de combustível ao avião.

A agência também já ali está aguardando ordens. Entrega e recebe correspondência.

Depois do primeiro almôço, e feito o desembaraço alfandegário do aparelho, o «Waco» levanta vôo e toma o rumo da Beira. A paìsagem não cansa; pelo contrário, é viva, alegre de côr.

De vez em quando, na passagem pelas sedes de circunscrição, o «Waco» desce e podem ver-se lenços a acenar, como que a transmitir-nos a alegria, o contentamento que perpassa pelas almas dos que ali vivem isolados do mundo e das coisas.

Deixámos Inhambane há duas horas e vinte minutos e já andamos por cima da Beira, a contemplá-la, a apreciar as suas bonitas e extensas avenidas e o seu casario estético de cidade moderna que progride.

São horas de almôço. Cumpridas as primeiras formalidades alfandegárias, um automóvel transporta-nos à cidade, e é-nos servido, pouco depois, no Beira Terrasse, um almôço esmeradamente feito à portuguesa, o que registamos, pois julgavamos encontrar ali um «menu» inglesado.

Depois do almôço e de meia digestão feita em passeio através da simpática cidade da Beira, o «Waco» segue o seu itinerário.

Da Beira ao Chinde, é um salto. Os palmares continuam sempre a proporcionar-nos paìsagens admiráveis.

É nesta «étape», em plena região zambeziana, que nos é dado apreciar a mais maravilhosa, quási inacreditável região de caça.

O «Waco» desviou-se do seu rumo da carreira para voar sôbre as enormes planícies, a pouco mais de uma centena de metros de altura, para podermos apreciar a riquíssima fauna da região.

Os grupos de pequenos antílopes não nos despertam a atenção. As manadas de búfalos em correrias desordenadas, em todos os sentidos das planícies, deslumbram-nos, e os elefantes, embora em pequena quantidade, encantam-nos.

Êstes, no seu andar característico de um pêso monstro que se desloca, derrubando tudo que lhes possa dificultar a passagem, procuram imediatamente a selva, onde se embrenham, para mais não serem vistos. Os búfalos, aos milhares, não param de galopar em plena planície, emquanto sentem sôbre si o roncar forte do motor do avião.

Depois lá ficam para trás, a descansar do susto que apanharam a horas em que num remanso delicioso se deleitavam à beira dos charcos.

Hora e meia depois da saída da Beira, o «Waco», aproveitando a baixa maré, aterrava na praia do Chinde.

Sinais notórios de contentamento pela visita do avião eram manifestos nas pessoas que ali o aguardavam. Não se cansam os presentes de exaltar tam útil e patriótica iniciativa, para quem vive ao longo de tôda a costa.

No Chinde, recebeu o avião uma pequena mala de correio para Quelimane.

E o «Waco», de novo no ar, recomeça a sua rota para a última «étape» do dia, que trinta minutos depois estava coberta.

Chegamos a Quelimane pelas 17 horas, ponto de descanso para recomeçar a viagem no dia seguinte.

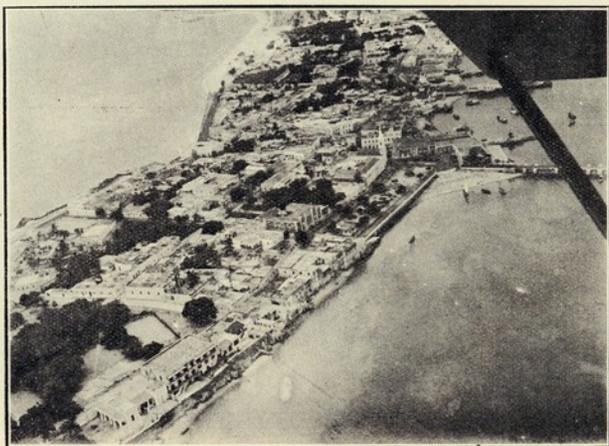
Após umas horas de vôo, o «Waco» leva-nos ao coração da Alta Zambézia.

O correio do Chinde, as duas cartas de Vila de João Belo e os «Notícias», foram distribuidos, à tardinha, aos seus destinatários, que, assim, tiveram ocasião de receber notícias expedidas no mesmo dia.

No dia seguinte, às 7 horas da manhã, o «Waco», com tôda a sua elegância, elevava-se no espaço, a caminho da antiga capital da Colónia, onde outrora só se chegava ao cabo de muitas tormentas e privações, e onde ainda hoje, pelos paquetes rápidos, são precisos quatro dias para a atingir.

As 9 horas e 50 minutos, o «Wacco» pairava, garboso e triunfante, sôbre a ilha de Moçambique, e, pouco depois, ia aterrar, no continente, numa extensa língua, que, arranjada, à falta de melhor, dentro da própria ilha, será um óptimo aerodromo.

Estavam em Moçambique os jornais e muita correspondência de Lourenço Marques, expedidos no dia anterior, a marcar a nota de progresso de que a Aviação é, hoje, ainda, a detentora.

Um aspecto de Moçambique visto de avião

Carnaval

(«Clichés» dos srs. capitão Raul Roque, Henrique Alcobia e Arnaldo Silva)

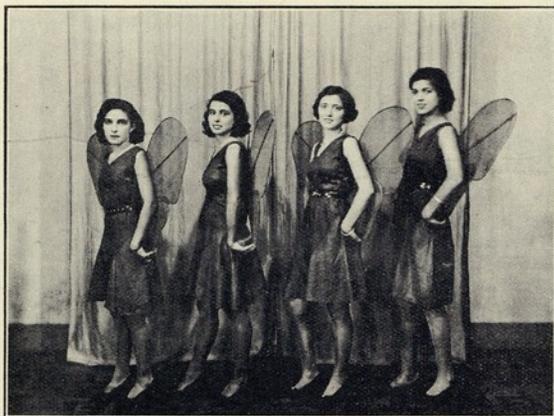
de 1934

Há muito que não se realizava, em Lourenço Marques, um espectáculo de Teatro. Depois das récitas da Companhia Berta de Bivar--Alves da Cuunha, a nossa população só tem tido Cinema.

Para quebrar essa monotonia, o Teatro Varietá deu, nas noites de 16 de Dezembro último e 4 de Janeiro, duas récitas de amadores, cujo produto reverteu para os fundos do Padrão da Grande Guerra, de Lourenço Marques.

Essas récitas foram constituidas pelas representações da revista «Terra de Portugal», escrita por Fernando Baldaque e Arnaldo Silva.

Os dois espectáculos constituiram um assinalado sucesso.

Os intérpretes da revista foram as meninas

Terra de Portugal

Sara Santos, Ema Santos, Dina Argent, Raquel Duarte, Alcina Carvalho, Glória Duarte, Hermínia Borges, Manuela Viegas, Alba Cordeiro, Maria José Borges, Julieta e Adélia Sampaio, e os srs. José Argent, Vitor Hugo de Almeida, Cristóvão Gambeta, Luiz Santos, Eduardo Valentim, António Braz, José Viegas, Augusto Cruz, Manuel Correia e Carlos Brito.

A revista teve cenários muito bem pintados pelo professor de pintura José Nascimento, foi encenada pela actriz D. Sofia de Sousa e pelo actor Agostinho Lopes, tendo a direcção musical estado a cargo do sr. Ramiro Gaspar. O contra-regra e o ponto foram os srs. Eduardo Valentim e César Homem da Costa.

Para maior glória de S. Cristovão!...

Um novo invento destinado a auxiliar a circulação automobilistica noturna em estrada. Com este dispositivo de sinalização luminosa, o condutor pode projectar, a alguns metros á frente ou rectaguarda do carro, qualquer indicação.

Em Massintonto (Sabié) na propriedade do sr. Amadeu José Gonçalves. A senhorinha Deolinda Gonçalves entre as uvas que ali crescem, propícias e fartas — dando, por virtude de Baco, um «espumoso» excelente, de que o proprietário recolhe já uma apreciavel garrafeira.

Três concorrentes ao torneio internacional de tenis no Estoril: «miss» Margaret Scriven, a «estrela» de York-shire; «miss» Joan Ridley; e o nosso conhecido sul-africano Kirby, atualmente residindo em Inglaterra.

Na Missão de S. Jerónimo de Magude, a quando da conferência ali realizada pelo Instituto Negrófilo, em 4 de Fevereiro corrente.

Condenados

O «Waco», da Aero Colonial, debruçara-se, à roda do meio-dia, sôbre a vetusta cidade de Moçambique, contornando-a de lés a lés, como a saudá-la na sua visita semanal.

Vista do ar, Moçambique fixa-se na nossa retina como um enorme transatlântico que, a caminhar lento, singra naquele mar imenso, êsse mesmo mar que outrora os nossos maiores navegadores rasgaram, a custo de vidas, na luta com as procelas, na ânsia nobre de levar ao cabo do mundo a sagrada flâmula das quinas de Portugal.

O «Waco» desce a trezentos pés e pode, então, apreciar-se a planta da cidade. As suas casas de terraço ao estilo mourisco agrupam-se em estreitas ruas que à nossa visibilidade nos dão a impressão de uma planície acinzentada, embora nos sugira ràpidamente a época da sua construção.

Descemos no Lumbo e dali à ilha é o «gasolina» da Agência da Aero Colonial que nos transporta.

Uma vez na cidade, a nossa visita à fortaleza de S. Sebastião impunhasse-nos como um dever de português que se interessa pelos padrões gloriosos dos nossos maiores, e lá fomos.

O nosso companheiro, professor culto e dedicado a assuntos históricos, é quem procura facilitar o nosso acesso à fortaleza, por se falar de uma proïbição de entrada a pessoas estranhas ao serviço da praça.

Tal proïbição existe, de facto, mas não atinge os forasteiros portugueses. E, por amável deferência do sr. capitão Braga, comandante da companhia disciplinar que ali se encontra aquartelada, foi posto à nossa disposição, para nos servir de «cicerone», um primeiro cabo, rapaz novo ainda mas com profundo conhecimento da vida actual e da história da fortaleza.

No pátio, sob uma chuva torrencial, passam velhos e novos, todos condenados, que nos olham com um interêsse de adivinhar o que nos vai na alma acêrca das suas personalidades.

Em cada condenado que passava junto de nós, sentiamos uma necessidade de acordar no seu espírito os momentos trágicos que o levaram até ali e de nos fazer sentir o seu arrependimento, o remorso a aflorar-lhes aos lábios como numa prece, junto ao altar, suplicando o perdão de Deus ou ainda o rancor inquebrável dos seus insaciados instintos maus.

Nas oficinas de alfaiate, carpinteiro, sapateiro, etc., trabalham europeus, indianos e pretos, que o crime irmanou. Executam-se, ali, trabalhos para o Estado e para particulares, todos êles com óptimos acabamentos, recebendo os operários uma percentagem dos preços por que são vendidos os artigos.

Outros, fora das oficinas, também aproveitam as horas de tédio da clausura, dando forma a pedaços de marfim, tornando-os em objectos úteis, trabalhados com gôsto e, sobretudo, com muito relêvo artístico, que mandam vender à cidade, encontrando quási sempre quem lhos compre.

Ao aproximarmo-nos da alfaiataria, onde trabalhavam seis homens, o lá da ponta chama a atenção dos companheiros, dizendo, em voz alta:

— O nosso cabo.

E tudo se levanta, numa manifestação de respeito que agrada.

À entrada da oficina, um condenado europeu que trabalhava à máquina, rosto marcado pelos estigmas do crime, que mais sobressaíam por uma grande cicatriz que lhe ia do lóbulo da orelha direita quási até à comissura dos lábio, olhou-nos com um olhar vítreo, carregado de maus desígnios, como se nós pertencessemos a uma outra humanidade diferente daquela a que êle se habituara e para a qual viera destinado talvez desde o ventre materno.

Junto de nós passara um rapazinho, que pouco depois voltava pela mão de seu pai, um condenado, que o criou dentro da prisão.

Entristeceu-nos aquele pormenor que tanto pode contribuir, num amanhã, para a formação boa ou má daquela criança que de há muito respira o ar viciado, venenoso, desenvolvido numa prisão.

São muitos os condenados que ali se encontram, e, entre êles, uns aguardam o dia, que não vem longe, da sua expiação, e outros, velhos, alquebrados ao pêso do sofrimento, nada mais podem eperar além de que a Morte os leve para a clausura perpétua.

Não são mal tratados, pelo contrário. Ouvimos dizer aos condenados com quem falámos que a comida que lhes é fornecida é boa, mas que o que recebem em dinheiro é pouco e não lhes chega para o tabaco.

— Mas, paciência, hemos de nos contentar com a sorte que o destino nos traçou — dizem êles.

E lá seguiam no seu caminho para as celas, pois eram horas de serem contados e fechados, para só saírem na manhã seguinte.

Pobres condenados aqueles que uma desafronta, numa hora má da sua vida, atirou para aquela prisão de ambiente sombrio e triste, desfazendo lares, separando entes que um amor forte havia prometido unir para tôda a vida.

Outros condenados bem merecem a aspereza das grades e das muralhas de pedra ennegrecida pelo tempo que os separam da vida e da sociedade que os pôs à margem, por ainda hoje os seus rostos patibulares exteriorizarem sentimentos maus a cravarem bem fundo a sua adaga de ódio e rancor pelo próximo.

Condenados, de bons e maus corações, lá vivem envergando o seu característico fardamento de ganga azul com o número de recluso pintado a branco no casaco, do lado do coração, como que a fazer-lhes sentir o pêso dos crimes que praticaram, e lá passam, um dia após outro, um ano sôbre outro ano, até que a hora da liberdade sôe aos seus ouvidos, a indicar-lhes o caminho da regeneração ou as garras férreas da Morte, que lhes despedace a alma e o coração, perpetuando-lhes as penas.

ARNALDO SILVA

INVERNO

O Inverno, outrora, era a estação das paìsagens desoladas e nuas, ramadas torcicolárias esbracejando na fúria dos vendavais, sob a chuva que caía... Inverno? Desconfôrto, miséria, frio...

Simbòlicamente, a Primavera era uma revoada de andorinhas; o Estio, uma espiga loira e sazonada; o Outono, o motivo báquico das vindimas; o Inverno, a tragédia dos humildes e dos pobres — «almas sem lares, aves sem ninhos» — enregelados de frio...

Hoje, não. A alegria do inverno, ei-la aí: a «sportwoman» esbelta e ágil, um corpo semi-nu, terso e flexível, numa harmonia de graça e de vigor — empunhando os instrumentos que a levarão, célere, quási alada, deusa da velocidade, por sôbre a neve...

I N V E R N O

Paìsagem de inverno? Ei-la aí, no «décor» de Saint-Moritz, a estação mundana dos desportos de inverno. Um instante mais e a lua vai despontar por detrás dos montes... E é então que tudo à volta se irrealizará de brancura, paìsagem mística, alvíssima, nupcial, sagrando o mistério do noivado do luar e da neve!... Inverno...

Como a Nelly nos viu

(Impressões duma estrangeira)

Graças às suas relações com uma família local e a um concurso feliz de circunstâncias, a Nelly pôde, nas duas ou três semanas que permaneceu entre nós, conhecer Lourenço Marques nos seus múltiplos aspectos. Freqüentou todos os lugares públicos, foi a bailes, entrou no Casino, relacionou-se com algumas das mais simpáticas raparigas da nossa sociedade, teve, emfim, a fortuna de assistir a algumas festas particulares e a uma reünião íntima. O bastante, a-final, para ficar conhecendo os nossos usos, os nossos costumes, os nossos sentimentos. À hora do embarque, confessou-me que partia com saüdade e pareceu-me sincera.

Conversámos muito. Ao entardecer, quando no fundo das chícaras mais não restava que umas leves gotas doiradas, a Nelly, francamente, singelamente, confiava-me as suas impressões. Muitas coisas eram novidade para ela, deixando-a vibrante de entusiasmo; e, então ria, com um riso aberto que fazia bem. Outras, não; desagradavam-lhe, chocavam-na. Rapariga, porém, bem educada, a Nelly abstinha-se de lhes fazer referências que beliscassem a minha susceptibilidade. Limitava-se a dizer, com um ar vago, que as achava «so different...». Eu compreendia e, no íntimo, agradecia-lhe a delicadeza, que me evitava longa série de explicações. Entretanto, quantas vezes não ficava a pensar nos juizos dela, procurando colocar-me mentalmente num campo neutro, para melhor ver de que lado estava a razão?...

De tudo quanto viu e ouviu em Lourenço Marques, posso afoitamente afirmar que o que maior admiração lhe causou foi a mistura de raças e o predomínio do homem em tôda a parte. Procurei explicar-lhe tais factos o melhor que pude. Falei-lhe largamente da amplitude e humanidade dos nossos princípios políticos, do nosso espírito tolerante, da brandura dos nossos costumes, por um lado; por outro, da pouca propensão da mulher portuguesa para a vida exterior e em muitas outras patranhas com que, de ordinário, disfarçamos certas características herdadas ainda da moirama... Trabalho inútil. Aquela cabecinha loira e voluntariosa, cheia de idéas inglesadas, não podia perceber qual o motivo por que um indivíduo, amarelo como a cidra ou negro como o carvão, verdadeiro bicho, tressuado, mal cheiroso, se podia aproximar dela nas ruas, nos carros, nos cinemas, num convívio que lhe repugnava. E menos compreendia ainda que as mulheres e as raparigas não aparecessem nos lugares de prazer ou de simples passatempo, em número igual ao dos homens, pelo menos em maior proporção.

— Se elas são, também, seres humanos — dizia — e sentem como os homens, porque não participam dos divertimentos que êles aqui se proporcionam? Porque aparecem sempre sòzinhos?

Não houve maneira de a fazer acreditar que a nossa mulher prefere ficar em casa a passajar meias ou a banhar meninos a freqüentar êsses meios agitados em que há barulho e se estraga a vista e a saúde...

Pelos seus juizos, pelos seus comentários e até pelas suas hesitações e meias palavras, julgo poder, à maneira de André Maurois, resumir assim as suas impressões:

Do que a Nelly gostou:

— da nossa hospitalidade;
— das acácias em flor;
— dos cafés ao ar livre, sob as árvores da praça;
— da ausência de ébrios;
— da ausência de vadios;
— dos lindos pavimentos com desenhos;
— da situação e arranjo dos jardins;
— da amenidade das nossas noites;
— de que quási todos falassem a sua língua;
— da limpesa e aprumo dos criados indígenas (papos-sêcos!);
— dos pequenos engraxadores indígenas;
— da pintura de certas casas;
— das travessas calcetadas;
— da baía lindíssima, mas sem botes nem hiates;
— das estradas para a praia;
— da vegetação das encostas;
— da situação do Polana Hotel;
— do respeito para com os brancos manifestado pelos indígenas, tanto na cidade como no campo;
— do pitoresco dos «Ally Boys»;
— dos «pic-nics» no Palmar.

O que a Nelly achou «so different»:

— a pouca camaradagem entre rapazes e raparigas;
— a venda de bebidas alcoólicas nos cafés, nas mercearias e na praia;

A vaidade e o espelho

Folheemos o imaginário «Livro da Ilusão Humana», através das épocas. Vinquemos as páginas em que os homens severamente condenam a vaidade feminina, esquecidos de que a dêles não é menor. Anotemos que vem de longe tal injustiça. Gregos e latinos já proclamavam, irónicos: «Existem dois mundos. Um aquele em que vivemos. Outro «Mundus muliebris» — a Vaidade».

Deletreemos, agora, outras páginas — as que nos falam do instrumento dessa vaidade — o espelho. Querido, fiel companheiro da mulher, a-pesar-de anatematizado pelos filósofos excessivamente puritanos e flagelado pelos santos, demasiadamente ascéticos, como nocivo à virtude, o espelho conquista, no Universo, poder avassalador, que triunfa de todos os ataques. A própria Ciência acaba por sagrá-lo como auxiliar precioso ou indispensável para muitos dos seus trabalhos.

A origem do espelho, à falta de documentação convincente, tem de procurar-se no Paraíso. Na impossibilidade de a atribuirmos ao pai Adão — sabidas a sua capacidade para descobrir ou inventar, a sua falta de curiosidade sôbre os mistérios que rodeiam a pulcra ignorância de nossos primeiros pais, assuma a indiscreta mãi Eva a integra responabilidade da decoberta do espelho, quando se remira na água límpida dos regatos — tal como fez a deusa Palas, segundo a mitologia. Eva é mais feliz. Como não toca flauta pastoril, também não sente o agravo infligido pelo virtuosismo da douta Minerva. Esta, um dia, olha a sua imagem reflectida na cristalina placa dum lago, ao soprar a avena maravilhosa, e nota, com desgôsto, que uma das faces se torna mais bochechuda do que a outra. Pode mais a vaidade do que o amor à divina arte musical. Nunca mais seus frescos lábios de deusa tocam as voluptuosas melodias, encanto do Olimpo.

No Egipto, nas festas de Isis, mulher do rei e deus Osiris, é a deusa levada processionalmente dum templo a outro. Formam a vanguarda da procissão duas alas de virgens, em trajos de gala, toucadas de rosas, sobraçando açafates de flores com que juncam o chão.

A meio do caminho, outras duas alas de donzelas, vestidas igualmente e coroadas de rosas, vêm receber a deusa. Estas trazem espelhos às costas, mas voltados do avêsso, para ninguém poder mirar-se nêles. Simbòlicamente se significa assim, que o sacrifício do segundo grupo é superior ao do primeiro. As flores espalhadas representam a oferta à deusa das flores da mocidade. E os espelhos voltados traduzem que à deusa se deve sacrificar mais do que a Mocidade — a Vaidade.

O santo patriarca Moisés, ao construir o seu templo portátil — tabernáculo — convida as mulheres a abdicarem da vaidade, em holocausto a Jehovah. Elas generosamente cedem os seus espelhos, que nêsse tempo são de bronze, para dêles ser fabricado o tanque, adstrito ao templo e onde os sacerdotes purificam as mãos, antes de sacrificarem. Infelizmente, a vaidade não desaperece do mundo e os espelhos das hebreias em breve são substituidos.

Platão, Sócrates, Séneca apreveitam, com sabedoria e ingenuidade filosófica para a sua propaganda ideológica e doutrinária, a sedução dos espelhos, e proclamam: «Os espelhos foram ordenados pela Natureza para que o moço, vendo-se forte, empregue honestamente as suas fôrças e os velhos não afrontem os cabelos brancos com acções impróprias dêles».

Durante os primeiros tempos da Igreja Católica, o espelho é proïbido às mulheres.

Com justo e pudico horror, porém, nos adverte S. Justino, florescido duzentos anos após a descida do Divino Mestre a êste bazar de misérias, que, na falte de espelhos, as mulheres se miravam no azeite e na água, «para descobrirem prendas com que cativassem os homens».

Como êste adorável pecado é velho mofelho!

Não é, também, muito edificante o que nos diz S. Jerónimo de certa dama nobre e de suavíssimo nome — Blasilla. Esta senhora, como, aliás, todos nós, mesmo que não demos por nome tam docemente eufónico, gasta os dias em consultas ao espelho. Fica viúva e nem o capêlo obrigatório da viuvez a cura!

Mas... vem uma doença. A dama perde parte da sua beleza. Então, renuncia a mirar-se, abandona o luxo e professa. Isto é: a fidalga senhora apenas oferece a Deus os restos da sua vaidede — o que a ninguém, por pouco exigente que seja, pode afigurar-se dádiva muito apreciável.

S. Gregório Nissem adverte-nos, com singular candura: «na linguagem simbólica dos Cânticos de Salomão, os olhos da amada — semelhantes a duas pombas — lavam-se em leite e não em água, porque na água se poderiam mirar e no leite não».

Padre António Vieira, ao profligar a vaidade, em sermão às freiras do Odivelas, refere a austera revolta do Arquipresbítero de Antuérpia, ao saber que as donas levam à igreja pequeninos espelhos dentro dos livros de orações. E em eloqüente indignação verbera o caso inaudito de, em certos conventos de monjas, onde fôra necessário moderar o fervor religioso de jejuns e cilícios, se tornar impossível a expulsão dos espelhos, de celas em que falta o mais necessário à vida.

Que êste precedente pecaminoso de bemaventuradas monjas, hoje, sem dúvida, no gôzo das celestiais delícias, sirva de anteparo à nossa vaidade incontrita de impenitentes, quando chamados a dar contas do uso e abuso do espelho, perante o sólio augusto do Juiz Supremo.

Porque todos nós, humanos, que desejamos ser perfeitos, se nos lembrassemos de rogar ao Senhor que nos tirasse a vaidade, sentiriamos o coração confranger-se, no receio que atormentou Santo Agostinho, em seus tempos de êrro, ao suplicar a concessão da graça de castidade:

«Peço a Deus a castidade e temo ser atendido.»

Fechemos o «Livro da Ilusão». Não tentemos abrir as pálpebras cerradas ao enigma pitoresco — que é o «substratum» da humanidade.

(Inédito)

EMÍLIA DE SOUSA COSTA

— o facto de não se cuidar da exploração da praia durante a noite;

— jogar o «tennis», ir ao cinema e tocar gramofone ao domingo;

— as portas das habitações cerradas durante o dia, geralmente quente;

— a hora e duração das visitas;

— a rora e duração das visitas;

— a forma de entreter as visitas;

— a hora de principiarem as «matinées» nos cinemas;

— a diferença de temperatura entre o dia e a noite;

— a falta de criadas nos hoteis (com excepção do da Polana);

— os burros com cangalhas e os carros de água puxados por bois, em plena cidade;

— o reduzido número de casas com tecto de telhas.

— o tamanho das nossas refeições.

Do que a Nelly não gostou:

— de mim;

— do isolamento das mulheres nos bailes;

— de ver os caixotes e latas de lixo «em frente» das casas, com manifesta vantagem para os cães e para os gatos;

— da pouca luz das ruas;

— da falta de luzes brilhantes em tôda a cidade;

— do grande número de cães vadios e famintos na Praça 7 de Março;

— do grande tamanho das «sandwichs» nos cafés;

— do pequeno número de barracas na praia, da sua exigüidade e do elevado custo do aluguer;

— do ridículo de se levar dinheiro a quem toma banho no recinto vedado, mesmo que não faça uso das barracas;

— do absurdo de na praia se levar dinheiro por qualquer recado telefónico, mesmo que a pessoa a quem êle é comunicado não utilize o aparelho;

— do extraordinário custo do aluguer dos botes (quatro vezes o da União!);

— do feio aspecto das urinois nos lugares mais freqüentados;

— da aspereza da areia da praia;

— do ridículo das velas em nichos, no Scala, durante as sessões;

— das notas sujas de pequeno valor;

— da raridade de bananas madúras nos hoteis e restaurantes, não obstante ser Lourenço Marques um centro exportador de tais frutos;

— da falta de toldos nas cadeiras da praia, a-pesar-da intensidade do sol;

— do encerramento das caixas do correio durante a noite;

— da falta de lápis e de impressos de telegramas nos Correios, para uso do público;

— do tamanho dos intervalos dos concertos da banda;

— da pouca variedade das músicas;

— da impossibilidade de se tomar banho, à noite, na praia;

— do exceso de homens em tôda a parte;

— da maneira por que os homens olham para as raparigas;

— de ter perdido duas libras no casino.

Estará tudo? Não estará? Parece-me que sim. Em todo o caso, vou escrever à Nelly e como respeito acima de tudo a verdade, da sua resposta darei oportuno conhecimento.

PAULO RAMIRES

actualidades mundiais

De cima para baixo e da esquerda para a direita:

Serge Alaxandre Stavisky, o famoso burlão que ainda depois de morto fez cair um ministério. As suas burlas subiram a 640 milhões de francos.

O maior paquete do mundo na maior doca seca do mundo. O «Magestic», da «White Star Line» (60.000 toneladas) entrando na doca Rei Jorge V em Southampton para a sua vistoria anual. Esta doca pode receber um navio de 100.000 toneladas.

O escandalo Stavisky levanta por toda a França uma onda de indignação. Paris presenceia cenas de verdadeira revolução. Em frente do Parlamento a policia só em força de numero consegue manter a ordem.

A Costa do Sol (Portugal) ocupa já hoje um logar de eleição entre as primeiras praias do mundo. Lloyd George, que aqui se vê a bordo do «Andalucia Star» com sua filha Megan, foi um dos seus visitantes ilustres no mês passado.

7.000 milhas em automovel. O dr. Herbert Schultz, alemão, chegou a Madrasta depois de longos percursos num carro-caravana, sendo a primeira vez que se vêem creanças em tais viagens.

Pesadelo

É noite alta; acordo sacudida por um pesadêlo... Fecho os olhos, quero dormir, desviar o pensamento do sonho trágico... mas é em vão que o faço... um pavor de morte me aviva os sentidos.

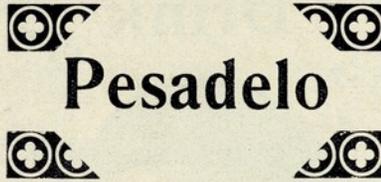
Acendo a luz... busco no passado tudo o que me deu alegria. Vagabundeando, vou longe, procuro afectos, lugares, paìsagens que me enlevaram... Ouço o rumor das águas das fontes e dos rios; vejo as montanhas altas do meu país de brumas, ouço a branda aragem que acaricia os arvoredos...

Quedo-me ao pé de corações que amei, conto os anos passados dêsse mundo de venturas perdidas... Aconchego-me ainda a lembranças alegres, a esperanças risonhas... mas outra vez em vão o faço... o pensamento trágica amarfanha-me, deita fora tudo o que procuro para desviar o sonho mau...

Um vento de aflição fustiga o meu espírito enlouquecido, um frio cortante regela o meu coração magoado... E estou só, neste deserto de aflições!...

....

Seis da manhã. Já se sentem rumores; levanto-me e vou á janela. São os varredores, êsses pobres velhinhos sem fôrças, a levar a cruz da vida por essas ruas fora...

Sôbre um azul profundo brilham milhões de estrêlas, e, entre elas, a lua em quarto minguante, barca airosa de quilhas altas, espera a maré viva da madrugada para as conduzir ao céu... Os sinos tocam a matinas, e no ar puro da manhã, essa súplica de fé, passa nas almas crentes como se fôsse a voz de Deus prometendo outra vida melhor...

Que lá em cima, aonde está Aquele que tudo vê e ouve, cheguem também os clamores do meu grande tormento...

Tento dormir, repousar a cabeça esvaída... mas aperta-me uma grande tristeza!...

....

A manhã vem linda; manhã de outono um pouco fria e desmaiada. Sôbre os telhados e na rua, as aves irrequietas procuram e espreitam vitualhas para o seu almôço... Passam pescadores descalços com as rêdes às costas... ao longe, ouve-se o mar que, durante a noite, os embalou...

Olho raparigas, que passam rindo... Quem pudesse estar assim feliz e contente!

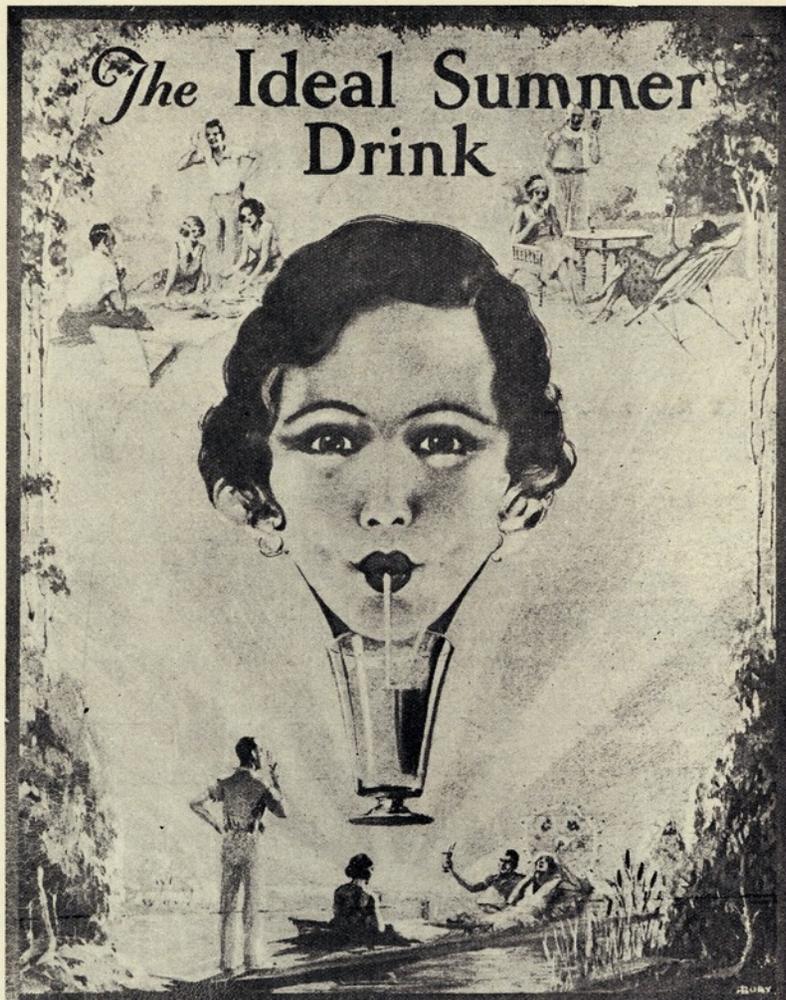
Vejo o correio... Tremo como um vime!... A minha filha estará doente... morreria...

O pesadêlo será verdade?...

....

A minha filha está viva... está de saúde... Aperto contra o coração a sua carta... O sonho mentiu.

Choro e rio, e dentro de mim o amor canta a mais dôce balada de alegria...

MARGARIDA GUERREIRO

A **OVOMALTINE** não opera nos tropicos como um excitante. Mantem a força de resistencia.

A Ovomaltine vende-se em latas de 250 e 500 grs. nas farmacias, drogarias e boas mercearias.

Agentes:
F. BRIDLER & Co. Ltd.
P. O. Box 65
LOURENÇO-MARQUES

Ché Ché

E o Carnaval lá vai!

Sôbre um ano, outro ano; depois dum Entrudo, outro Entrudo!

Depois da máscara do riso fugidio, a cara desanimada das Más Horas!... Mau! A sério, não vale. Para sério, basta os impostos do consumo do açúcar, que vai amargar o «moka» que se bebe nas bancas do Sideris, do Hazis, do Rialto, do Scala...; basta o imposto da cerveja, que faz aguçar a secura, e isto de cerveja mais cara bole-me com o paladar; basta o imposto do rapé, porque vem tornar menos pingosas as ventáculas da minha sogra; basta o imposto sôbre a contribuïção predial, das propriedades que eu não tenho mas podia ter; bastam os 15 por cento no sêlo das teatradas, que fez empalidecer a «tournée» de Stichini e fugir a côr do rosto ao César, ao Jorge e ao Moura!...

Passou o Carnaval, e eu recordei, com lágrimas na garganta e soluços nos olhos, êsse Entrudo dos meus tempos de menino, muito loirinho, rosadinho e de olhos azues, porque eu era loirinho, branquinho e tinha o olhar azul como uma turquesa. O sol de África tornou-me um pouco moreno — um pouco, só — as «meninas» dos olhos das meninas, que são meninas dos meus olhos, queimaram-me o azul dos olhos, e fiquei escuro; o cabelo loiro, foi-me crestado pelo lume das areias da Polana!

Ora, quando eu era menino, a máscara que mais feria a minha sensibilidade era o «Ché-Ché». Êsse «Ché-Ché», de facalhão enorme, tendo na ponta, espetada, uma laranja, êsse «Ché-Ché», de largos óculos de folha, de enormíssima corrente ao pescoço, segurando uma luneta à Marquês de Pombal, de chapeu bicórnio, com um belíssimo letreiro na copa.

Que saüdades dêsse «Ché-Ché», essa máscara, que de meias côr de rosa, enlameadas, corria a cidade de ponta à ponta, e que, depois de se divertir em cheio, ia acabar, na quarta-feira de Cinzas, no tribunal da Boa-Hora.

O «Ché-Ché» era o tipo característico do Carnaval português, do Carnaval de Lisboa, êsse Carnaval, onde das varandas das janelas se arremessava para o «peão», que vinha de casaco voltado do avêsso, para não escangalhar o arranjinho, cartuchos de «poses» de goma, que, com a água da chuva daquelas terças-feiras gordas, fazia uma «massinha», que era «pão». Carnaval dos tremoços, que

se despejavam, no Chiado, em caixotes e sacas de seis alqueires, das janelas do Turf e do Tauromáquico. Carnaval das «cocottes» com areia — e pedra, quando calhava — que rachavam as cabeças que lhes serviam de alvo.

As bisnagas, as seringas, os ovos, os pastéis, essa fúria de combate, dos três dias foliões, que levavam, na quarta-feira de Cinzas, para a cama, com constipações, muita menina e muito rapaz.

As cègadas, à «história» e às «Flores», a dansa da Bica, o batalhão das vassouras de Campo de Ourique, as tipóias de praça, enfarinhadas, tudo isso era o Carnaval do tempo do «Ché-Ché», pois o «Ché-Ché» aparecia por todos os lugares, por todos os cortejos, por tôdas as ruas.

As noites, os bailes de máscaras, do Salão da Trindade, dos Teatros D. Amélia e D. Maria, e do Coliseu dos Recreios, abarrotavam de máscaras, e lá estavam as bisnagas, as «cocottes», as seringas, e o «Ché-Ché»!...

O «Ché-Ché», que era gaudio e me encantava, foi substituido pela estilização das «Pierrettes», pintadinhas e mosqueadas.

Foi-se, com o «Ché-Ché», a bisnaga, o tremoço, a seringa, a cègada, e veio o lança-perfumes, as serpentinas, os «confetti».

O «Ché-Ché», que tinha por alma o tremoço, por sentimentalidade a água da bisnaga, por cérebro a areia das «cocottes», foi substituido pela «Pierrette», cuja serpentina é a silhueta do seu corpo, o «confetti» a leveza da sua alma, o lança-perfumes o aroma da sua gentileza.

Está muito bem.

Mas o «Ché-Ché» era mais típico, era mais Carnaval.

Pobre e querido amigo «Ché-Ché»!

Hei-de lembrar êsse «Ché-Ché» tôda a minha vida, porque o «Ché-Ché» era uma alegria, e uma alegria é sempre uma recordação!

FERNANDO BALDAQUE

Menina Vera Pereira Cabral, primeiro premio do concurso de mascaras infantis do Gremio Militar